

POR UMA MEMÓRIA DA SUBVERSÃO: A CONDIÇÃO DE EXÍLIO DO CORPO TRAVESTI EM “A VOZ DA CONSCIÊNCIA”, DE ATENA BEAUVOIR¹

Maria Isabela Berenguer de Menezes (UFRPE)²

RESUMO:

O presente artigo propõe uma discussão acerca da representação do corpo travesti na literatura, mais especificamente no conto “A voz da consciência”, presente no livro *Contos Transantropológicos*, de Atena Beauvoir. De maneira geral, lançaremos olhar à perspectiva de (r)existência que a autora nos apresenta, o qual tem como norte a construção da subjetividade do corpo travesti em meio aos melindres da repressão das instituições sociais. Para isso utilizaremos conceitos que tenham como base a noção de inclusão e pluralidade no que diz respeito à literatura, ao corpo, ao discurso e à sociedade. Ressaltamos que o objetivo central desta pesquisa é identificar a condição de exílio na personagem travesti no conto “A voz da consciência”. Logo, pretendemos, com este estudo, minimizar, da forma que for possível, a discrepância de poder discursivo entre os que estão dentro e fora do âmbito acadêmico e, principalmente, trazer à tona vivências subalternas e torná-las, mesmo que de maneira sintética, o foco da discussão.

PALAVRAS-CHAVE: exílio; corpo; violência; travestilidade.

RESUMEN:

Este artículo propone una discusión sobre la representación del cuerpo travesti en la literatura, más específicamente en el cuento "A voz da consciência", presente en el libro *Contos Transantropológicos*, de Atena Beauvoir. En general, veremos la perspectiva de (r) existencia que el autor nos presenta, que se guía por la construcción de la subjetividad del cuerpo travesti en medio de la aprensión de la represión de las instituciones sociales. Para ello, utilizaremos conceptos basados en la noción de inclusión y pluralidad con respecto a la literatura, el cuerpo, el discurso y la sociedad. Hacemos hincapié en que el objetivo principal de esta investigación es la estructuración de la condición de exilio destinada a representar a la travesti como protagonista en el cuento "La voz de la conciencia". Por lo tanto, pretendemos, con este estudio, minimizar, en la medida de lo posible, la discrepancia del poder discursivo entre quienes están dentro y fuera del ámbito académico y, principalmente, plantear experiencias subalternas y hacerlas, incluso de manera sintética, el foco de la discusión.

PALABRAS CLAVE: exilio; cuerpo; violencia; travestilidad.

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela Prof^a Dr^a Valéria Severina Gomes, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Letra Português/Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob a orientação da Prof^a Dr^a Brenda Carlos de Andrade. Outubro de 2020.

² Graduanda em Letras Português-Espanhol Universidade Federal Rural de Pernambuco (bebelaberenguer68@gmail.com).

1. Introdução

Pode-se dizer que a constituição do indivíduo enquanto ser social reúne inúmeros elementos constituíveis de inteligibilidade, ou seja, a noção de sujeito é indisputavelmente dada ao indivíduo por uma estrutura pré-estabelecida. Esse sujeitamento do ser está relacionado a incontáveis fatores, contudo, neste estudo, nos deteremos à perspectiva relacionada à identidade de gênero e suas nuances, as quais categorizam corpos enquanto valoráveis ou não. Logo, constata-se que essa estrutura baseia-se em normas essencialmente restritivas que se dão a partir do discurso e reverberam-se na materialidade dos corpos como tecnologias³ as quais pressupõem oposições binárias, bem como foi postulado por Judith Butler em *Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade* (2003),

Os domínios da “representação” política e lingüística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. (BUTLER, 2003, p. 18).

É nesse sentido que norteamos este artigo, entendendo que muito do que compreendemos enquanto “natural” é estruturado pela linguagem e concebido como produção de sentido social, histórico e cultural. Assim, direcionamos nosso olhar à construção do corpo, visto que “Emissor ou receptor, o corpo produz sentido continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural” (LE BRETON, 2012, p. 8). Tendo em vista o corpo enquanto produtor de sentido, proporemos uma reflexão acerca da categoria de gênero como fator de (não) subjetivação dele. Para tanto se faz necessário, antes de mais nada, compreender de que maneira se dá tal categoria, visto que ela é comumente emaranhada à noção de sexo biológico, o que reitera perspectivas binárias e limitantes.

Logo, com o intuito de ampliar o que entendemos como gênero, ou identidade de gênero por assim dizer mais completa, compactuamos com a conceituação de sexo, gênero e orientação sexual colocada por Letícia Lanz (2017) de maneira bastante didática:

³ O termo tecnologia (cuja origem remete à *techné*, ofício e arte de fabricar, opondo-se a *physis*, natureza) coloca em funcionamento uma série de oposições binárias: natural / artificial, órgão / máquina, primitivo / moderno, nas quais o “instrumento” joga um papel de mediação entre os termos da oposição. (PRECIADO, 2017, pág. 147).

Resumidamente, portanto, podemos descrever sexo como aquilo que a pessoa traz *entre as pernas*, gênero como aquilo que traz *entre as orelhas*, no cérebro, e orientação sexual como o que a pessoa quer ter *entre os braços* para amar e/ou manter relações sexuais. (LANZ, 2017, p. 45, grifos da autora)

Haverá aqui também a compreensão de que a literatura está no limbo, na fronteira, entre o espaço real e o espaço ficcional, uma vez que representa a projeção do real no campo do imaginário, pois a ela é permitida a transgressão do horizonte binário e a fluidez de uma autonomia representacional. Com isso, trabalharemos na fronteira, assim como faz a literatura, entre os arquétipos do mundo referencial e os elementos do cenário literário encontrados no conto “A voz da consciência”, procurando situar a influência mutua entre eles.

Aliada a essa noção Atena Beauvoir⁴, autora do livro *Contos Transantropológicos*, do qual faz parte o conto “A voz da consciência”, nos apresenta uma introdução à transantropologia e nela preconiza que seu livro

Não deve ser lido com os olhos ou com o cérebro. Para alcançar o máximo de profundidade da obra, que se apresenta esparsa em vários capítulos, sugiro ao leitor e a [sic] leitora que se permitam ler através de suas próprias experiências. (BEAUVOIR, 2018, p. 11)

Em consonância com a autora procuramos trazer uma análise que leve em consideração fatores subjetivos da personagem, mais especificamente da narradora-personagem. Por isso, selecionamos a noção de exílio como condição na construção da personagem e eixo central da discussão, pois há em todo conto um processo de desterritorialização do corpo travesti, visto que é nítida a necessidade de subtração de sua subjetividade.

Sobre o conto podemos dizer que ele é iniciado já com apontamentos acerca das violências sofridas pela personagem. De início, a narradora contextualiza o(a) leitor(a) sobre o espaço de vivência de sua infância, atrelando a ele as violências praticadas pela família, que iam desde repressões performáticas a socos e murros. Em seguida tomamos conhecimento das violências sofridas no ambiente escolar, estas se caracterizam enquanto agressões físicas e sexuais. Devido a todo esse assujeitamento a personagem

⁴ **Atena Beauvoir Roveda** é escritora, filósofa e educadora transexual. Premiada pela sua atuação em defesa e promoção dos direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no RS. É integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Sexualidade (NEPEGS) do IFRS - Campus Porto Alegre e colaboradora do projeto TransEnem de Porto Alegre. Disponível em: <https://livrariataverna.com.br/poesia/920-liberte-atenabeauvoir.html>. Acesso: 02/04/2020.

deixa tanto a casa de sua família quanto a escola e, nesse processo, conhece um rapaz “muito querido”, mas que também não demora a violentá-la de diversas maneiras.

Perante a rejeição sofrida a personagem se depara com o destino da maioria das travestis, a rua. Lá ela é acolhida por companheiras, estas que tem histórias parecidas com a sua, e junto a elas encara os perigos da prostituição. Nesse espaço duplo de acolhimento e marginalização a narradora, mais uma vez, se ver encurralada, agora pela polícia que a prende por um crime que ela não cometeu. No cárcere também são praticadas inúmeras violências contra o corpo e a identidade da personagem e é também onde sua vida física chega ao fim devido aos abusos físicos e sexuais cometidos.

Há nesse momento um abismo metafórico tanto para a personagem quanto para o(a) leitor(a), visto que compreendemos junto a ela que sua existência física chegou ao fim. Isso porque na última cena narrada a personagem estava em uma enfermaria no presídio, mas em seguida ela acorda em um banco de praça tendo sua atenção chamada por uma reunião que acontecia naquele espaço. A reunião tinha por objetivo reivindicar as mortes diárias direcionadas à comunidade LGBT⁵, por isso as pessoas que ali se encontravam gritavam pelos nomes das travestis assassinadas, e nesse instante uma senhora travesti chama pelo nome da narradora. Assim, é através da voz de uma semelhante que a personagem se depara com a morte.

Sendo o conto um gênero textual de ligeirezas todos os elementos são narrados de maneira sintética. Isso fica ainda mais claro na parte final do texto, em que ao passo que a personagem desvenda sua morte ela também questiona a noção de existência, mais pontualmente a existência do corpo travesti, e reconfigura a dor do não existir fisicamente em existência anamnésica, finalizando o conto com força e esperança na memória, “Ao passar por ali, pense: a travesti está aqui.” (BEAUVOIR, 2018, p. 109).

⁵ Atualmente o termo LGBT é o mais utilizado, representando: lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais. O termo foi aprovado no Brasil em 2008 em uma conferência nacional para debater os direitos humanos e políticas públicas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais. Disponível em: <https://medium.com/@pinkads/o-que-significa-a-sigla-lgbtq-e-quais-s%C3%A3o-as-outras-siglas-utilizadas-e3db6ec5181f>.

Sobre o conceito de exílio, Edward Said coloca que o “exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro.” (SAID, 2003, p. 53). Para a narradora do conto “A voz da consciência” estar à margem é elemento integrante da ideação do seu “eu”, uma vez que o banimento do afeto e as violências constantes se dão tão somente por sua não correspondência à noção de inteligibilidade preconizada pelos meios de produção de sentido através da linguagem.

Vale destacar ainda que a personagem em momento algum é nomeada no texto. Essa ausência abre espaço para questionamentos como: será que a autora não nomeou sua narradora por simples arbitrariedade? Ou será que as reflexões sobre a (não)existência do corpo travesti, em suas facetas individuais e coletivas, exigem a não nomeação? Ou, talvez, a estrutura do gênero textual conto demande uma simplificação na construção da(s) personagem(ns)? O que nos parece mais cabível é a possibilidade de que a autora procurou dizer através do não dito. Ou seja, para nós há uma indicação clara de que a não nomeação reflete, principalmente, o assujeitamento constante do corpo travesti. Por isso, em alguns momentos da escrita deste artigo iremos nos referir à personagem com os pronomes Ela/Dela, com o fito de subjetivar a personagem neste processo de escrita.

Outro componente fundante da nossa análise é o foco narrativo, já que para uma percepção ampla da construção da personagem é imprescindível direcionar o olhar ao narrador e aos seus interesses relacionados aos fatos narrados. Os movimentos narrativos baseiam-se na perspectiva, ou por assim dizer no foco, que o(a) narrador(a) orchestra, isto é, só se faz possível analisar um determinado texto a partir do que a voz narrativa nos enuncia, ou deixa de enunciar, e sobretudo o que ela focaliza enquanto relevante para o(a) leitor(a), haja vista que essa focalização não deixa de partir da subjetividade do(a) narrador(a), além de subverter os referentes do mundo “real”.

Dada a importância da voz narrativa nos parece perspicaz contextualizar acerca da potência que tange a produção de narrativas por corpos invisibilizados, pois, como já dito, é na e pela linguagem que concepções e valores individuais e coletivos se constituem. A literatura se faz substancial

para a humanização, por isso a concebemos como um bem incompressível⁶ e vetor de disseminação da inquietação perante as mazelas sociais.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2011, p. 175)

Para além, pretendemos trazer como aporte epistemologias voltadas à política de diferença, uma vez que elas contemplam as perspectivas analíticas que nos parecem caras. Por isso, optamos por trabalhar com a concepção transfeminista, esta que reclama espaços à pluralidade de discursos e de vivências femininas, ampliando, sobretudo, o panorama do “ser mulher” já colocado pelas correntes feministas⁷ antecedentes.

A partir das novas ideias e comportamentos trazidos com o movimento feminista, especialmente em função das críticas do feminismo negro (COLLINS, 1990; DUCILLE, 1994), a percepção sobre quem são as mulheres se ampliou, deixou de apenas se remeter à mulher branca, abastada, casada com filhos, e passou a acatar a humanidade e a feminilidade de mulheres outrora invisíveis: negras, indígenas, pobres, com necessidades especiais, idosas, lésbicas, bissexuais, solteiras, e mesmo as transexuais. (JESUS, 2013, p. 4).

Também nos apoiaremos na concepção de poética *queer*⁸ discutida por Anselmo Alós, com o objetivo de abarcar a gama de possibilidades interpretativas, dentro e fora do campo ficcional, oferecidas pelo conto, pois

Ao falar de uma poética *queer*, reivindica-se para *poética* um *status* que extrapola os domínios de uma poética autoral, aproximando-se do uso consagrado por Hutcheon e Glissant no cenário da reflexão contemporânea. O uso que se faz aqui do termo *poética* ocupa,

⁶ Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos bens que são considerados indispensáveis. (CANDIDO, 2011, pg. 173).

⁷ O referido movimento tentou atribuir um estatuto político, social, cultural e econômico que não fosse discriminatório para as mulheres (Nogueira, 2011). Ao perseguir esse estatuto, os múltiplos feminismos que foram surgindo alteraram profundamente a forma como o que é considerado humano foi pensado e problematizado. Desse modo, o feminismo pode ser entendido como uma resignificação do humano, abrindo e expandindo os horizontes desse termo (Oliveira, 2014b), pela problematização que foi feita da relação das mulheres com esse humano, que sempre foi homem, ocidental e branco, e que foi se alargando para incluir outrxs. (OLIVEIRA, 2017, p. 38).

⁸ A teoria queer começou a ser desenvolvida a partir do final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos. Um dos primeiros problemas é como traduzir o termo queer para a Língua Portuguesa. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 06/04/2020.

portanto, um espaço intervalar, na medida em que, através de estratégias comparatistas, reveste-se de um caráter *transautoral*, não por abarcar diferentes autores, mas por preocupar-se com uma poética trespassada pela subjetividade de um grupo social específico. (ALÓS, 2007, p. 71)

Sobre a perspectiva de memória adotada posso dizer, de maneira geral, que ela será permeada pelas noções de esquecimento e denegação da memória histórica de determinados grupos, como também a relação entre o mito e a razão, haja vista a influência da narração dos grandes feitos humanos nas expressões miméticas dos indivíduos, e conseqüentemente na memória social. Mais pontualmente, no conto “A voz da consciência”, a memória é associada à pulsão da morte, sobretudo como elemento de resignificação da dor do luto, pois a não existência, como subjugação, é elemento fundante da narrativa. Assim, a nossa heroína apenas encontra a redenção, através da memória, após a morte do corpo físico, transformando toda a negação de sua subjetividade em existência anamnésica.

Logo, para tais elucidações será necessário um diálogo direto com as discussões propostas por Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar Escrever Esquecer* (2006), visto que ela abarca temáticas significativas para esta análise, como

O fato da palavra grega *sèma* significar, ao mesmo tempo, túmulo e signo é um indício evidente de que todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto. E que as inscrições funerárias estejam entre os primeiros rastros de signos escritos confirma-nos, igualmente, quão inseparáveis são memória, escrita e morte. (GAGNEBIN, 2006, p. 45)

No que diz respeito à construção metodológica da pesquisa elegemos como gênese a seleção do *corpus*, esta não se deu de maneira arbitrária, pois já havia uma inquietação minha acerca da dificuldade em encontrar narrativas produzidas e protagonizadas por pessoas trans. Por isso, pesquisei por um longo tempo em bibliotecas, sebos e, principalmente, em websites a procura de textos narrativos que correspondessem aos critérios colocados. Durante a busca *on-line* nos deparamos com o livro *Contos Transantropológicos*, escrito por Atena Beauvoir e protagonizado integralmente pela vivência de pessoas trans, disponibilizado no site da editora Taverna⁹. Após a seleção da obra se

⁹ <https://livrariataverna.com.br/lgbt/1646-contos-transantropologicos-aten-beauvoir.html>.

fez necessário sua delimitação de análise, visto que existem trinta e um contos no livro.

A priori objetivo trabalhar com três contos, comparando elementos entre eles, no entanto, no desenrolar das leituras optei por investigar profundamente apenas um dos contos do livro, para alcançar uma pesquisa mais completa diante o espaço circunscrito para um artigo. Dessa forma, foi feito o levantamento bibliográfico emparelhado ao que a obra nos propunha, pois, em seguida, apliquei o referencial teórico ao texto narrativo, tendo em vista os procedimentos metodológicos de pesquisas teórica e explicativa, já que utilizei o método indutivo para a análise das teorias aplicadas ao conto. Com isso, destaco que este artigo foi desenvolvido a partir da leitura, sobretudo, de artigos científicos, livros, dissertações e teses de diversas áreas do conhecimento científico, com o intuito de propiciar uma análise interseccional.

Dessa maneira, o que pretendo com este estudo é minimizar, da forma que for possível, a discrepância de poder discursivo entre os que estão dentro e fora do âmbito acadêmico e, principalmente, trazer à tona vivências que por muito foram (ex)cêntricas e torná-las, mesmo que de maneira sintética, o foco da discussão. Ressalto que o objetivo central desta pesquisa é viabilizar um determinado olhar perante a construção da condição de exílio direcionada à representação da travesti enquanto protagonista no conto “A voz da consciência”.

Destarte, dividiremos o artigo em três tópicos. O primeiro, Roda-viva da existência: a construção da travesti na ficção, terá por objetivo destacar a progressão do processo enunciativo da narradora-personagem para daí ramificar as discussões acerca da subjetivação do “eu” no texto. Em A desterritorialização da travesti, tópico dois, nos debruçaremos sobre a condição de exílio imposta ao corpo travesti e como os mecanismos sociais produzem necropolíticas direcionadas a esses corpos, uma vez que eles representam a subversão de uma ordem dita “natural”. No terceiro tópico, O refúgio da memória, fecharemos nosso ciclo de análise acerca do conto enquanto reflexo de vivências dissidentes, e com isso traremos reflexões que abarquem a construção da memória a partir da narração, sobretudo ficcional, dos feitos humanos.

Portanto, dedico este estudo às travestis, já que pretendo discutir suas vivências a partir da produção de seus textos em primeira pessoa, o que demonstra a necessidade de entender essas mulheres como produtoras de conhecimento. Dessa forma, espero poder colaborar para a propagação de narrativas silenciadas na literatura e na vida, além de inquietar-me enquanto pessoa cisgênera em uma realidade transfóbica.

2. Roda-viva da existência: a construção da travesti na ficção

Eu lembro de todas as violências que sofri. Cada uma deixou uma marca em mim. Ou no corpo ou no coração. Existem violências que são mais fortes que socos ou balas de 38. Acredite, sei do que estou falando. A maior violência de todas foi da minha família. Eu não sabia por que eles não aceitavam o fato de eu ser quem eu era: eu mesma. (BEAVOUIR, 2018, p. 105)

Nada melhor do que iniciar o primeiro tópico de discussão com o primeiro parágrafo do conto “A voz da consciência”, tendo em vista o texto como ponto de partida. É nítido o processo de reconhecimento de si da personagem durante toda a narrativa, uma vez que a narradora-personagem se dispõe a relatar sua história desde a gênese até seu definhamento, o que nos insere junto a ela em um passeio macabro por inúmeros tipos de violência.

A primeira coação sofrida foi praticada pela família, grupo que supostamente deveria protegê-la; em seguida a narradora-personagem relata agressões cometidas pelos colegas de turma e por isso abandona a escola, o que deixa implícito a negligência da instituição relacionada a determinados corpos perante situações extremas dentro do ambiente escolar. Diante das contrariedades, a narradora-personagem foge de casa aos 17 anos, o que costuma ser comum para grande parte das travestis, para viver uma relação conjugal com um homem cis¹⁰, este não demora também a violentá-la. Ainda mais machucada ela vai para as ruas e de modo consequente é inserida na prostituição.

Mesmo sendo respeitada nas redondezas e por suas companheiras de pista a narradora-personagem é presa por um crime que não cometeu e é

¹⁰ o termo cisgênero emerge para designar a experiência das pessoas que possuem uma identificação com o gênero atrelado e assignado ao nascer, além de buscar uma visão que naturaliza e dicotomiza as experiências, posto que cis seria o oposto de trans, por assim dizer. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200210. Acesso em: 26 de abril, 2020.

novamente violentada numerosas vezes dentro do presídio masculino. Dessa vez sua identidade é deslegitimada explicitamente, pois durante todo o processo de encarceramento Ela é tratada como um sujeito masculino, situação que a coloca no local da inexistência; após esse momento o desfecho começa a ser desenhado, o(a) leitor(a) desenreda a finalização dos fatos em conjunto com a narradora-personagem, e com isso ela fecha a narrativa induzindo a tomada de consciência do(a) leitor(a) e de si mesma enquanto existência.

Durante a leitura do conto é bastante improvável que o(a) leitor(a), mesmo que desatento(a), não se questione sobre a quantidade de incidência do pronome “eu”, para ser mais exata ele aparece no texto trinta e nove vezes. Esse suposto excesso tornou-se uma questão importante a ser colocada: qual o valor representacional da repetição desse pronome pessoal no decorrer do conto?

Para trazer respostas acerca dessa inquietação recorreremos aos postulados de Émile Benveniste, em *Problemas de Linguística Geral* (1976), pois lá ele problematiza os eixos semióticos e semânticos da relação dos pronomes. Aqui nos deteremos à função pragmática dos pronomes pessoais, e por isso os “chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, “os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.” (BENVENISTE, 1976, p. 277). Ou seja, a cada ato enunciativo do “eu” no conto, haja vista sua delimitação à realidade discursiva, há uma transmutação, sobretudo, da subjetividade da narradora-personagem, visto que ela está em constante processo de desconstrução – reconstrução.

Outro ponto chave dessa leitura é a reversibilidade representacional que a narradora-personagem traz ao reiterar a instância discursiva “eu”, já que, ao se colocar veementemente enquanto produtora dos processos enunciativos de sua própria vivência, a travesti sai do local de Outro do discurso, isto é, nas palavras de Benveniste de *não-pessoa* (ele/a), vazio de subjetividade durante a enunciação, coisificado. Para o linguista o “ele/a” não tem uma função direta no ato enunciativo, o pronome, na verdade, pertenceria, mais notadamente, ao campo sintático da língua como elemento de substituição de termos complementares.

A "terceira pessoa" representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva. Assim, na classe formal dos pronomes, os chamados de "terceira pessoa" são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza. Como já se viu há muito tempo, as formas como *ele*, *o*, etc. só servem na qualidade de substitutos abreviativos: (BENVENISTE, 1976, p. 282).

Ainda sobre a noção de representação articulada aos processos enunciativos da narradora-personagem percebemos que há um deslocamento ideológico no que concerne à referência da construção de sua subjetividade, uma tomada de consciência processual, a qual subverte as diretrizes normalizadoras da instituição primária, a família, "Mas eu entendia, na época, que eu merecia, pois confiava que meus pais sabiam de tudo e queriam só me proteger. Hoje eu deveria ser protegida deles." (BEAVOUIR, 2018, p. 105).

Como já dito procuramos durante a feitura dessa análise nos basear em perspectivas que tenham a diferença como norte, por isso nos debruçamos na noção de poética *queer* desenvolvida por Alós (2007), entendendo a importância da intertextualidade e da subjetividade que circundam a produção do texto narrativo, para daí poder direcionar um olhar crítico ao conto "A voz da consciência". Assim, optamos por focalizar a *história*¹¹ sem perder de vista os demais elementos constituíveis da narração, como, por exemplo, a configuração do narrador que é de extrema importância para o desenrolar da narrativa. Logo, é mister diferenciar, apesar da proximidade conceitual, a função do narrador e da focalização, uma vez que "a focalização insere-se no âmbito da história, enquanto o narrador pertence ao âmbito do texto e das técnicas narrativas." (ALÓS, 2007, p. 74).

¹¹ Para que um artefato cultural seja considerado um texto narrativo, ele precisa, necessariamente, ser decomponível em três níveis distintos de análise: *texto*, *história*, *fábula*. Se o texto é uma estrutura finita composta por signos, na qual um agente fundamentalmente relata algo, a fábula é justamente aquilo que é relatado: consiste em "a serie of logically and chronologically related events that are cause dor experienced by actors" (BAL, 1997, p. 5). História, por sua vez, é concebida como *uma fábula apresentada de uma determinada maneira* (BAL, 1997, p. 5). (ALÓS, 2007, p. 73)

Nossa narradora é notadamente personagem – protagonista, como já colocado, e por isso a entendemos enquanto narradora interna¹², o que a insere não como espectadora, mas sim como produtora de sua própria história “Eu sou uma mulher, e sei muito bem o que fazer da minha vida” (BEAVOUIR, 2018, p. 107). Ela orchestra o rumo da narrativa a partir de sua maneira de olhar o mundo discursivo no qual está posta, isto é, este corpo dito abjeto deixa de ser o objeto focalizado¹³ para torna-se sujeito focalizador¹⁴, “Uma deputada federal também falou e pensei em como era bom ter pessoas com poder político que não se esqueçam de nós, pessoas que sofrem tanto na sociedade.” (BEAVOUIR, 2018, p. 107).

Logo, ressaltamos que em todo percurso narrativo a focalização se faz interna, fato representado, também, pela incidência do pronome “eu”, posto que em todas as situações apresentadas no conto a perspectiva adotada foi a Dela. Sendo assim, o processo enunciativo da voz narrativa é de suma importância para alcançar a voz da consciência da travesti, por tanto silenciada “Por favor, ouça a voz da minha consciência, pois eu lembro de todas as violências que sofri.” (BEAVOUIR, 2018, p. 109).

Ao se articular a questão da focalização e da voz narrativa na proposição de uma poética *queer*, parte-se do pressuposto de que é partindo do plano da enunciação, mais do plano do enunciado, que são construídas estratégias de subversão e o deslocamento da matriz heteronormativa. (ALÓS, 2007, p. 79).

Até aqui trabalhamos com as possibilidades discursivas da realidade literária dadas por Atena, discutimos a apresentação da voz narrativa, a qual é repleta de subjetividade, e a função que ela desempenha na construção do texto. Atrelada à voz narrativa descortinaremos a elaboração da personagem enquanto reflexo de um mundo referencial acessado pelo(a) leitor(a), pois é comum que haja para o(a) leitor(a) ingênuo(a) uma associação entre as vivências do(a) autor(a) na realidade referencial e a “vida” discursiva da(o) personagem. Atena nos orienta acerca dessa questão na Introdução à transantropologia, momento introdutório do livro *Contos Transantropológicos*:

¹² Bal distingue apenas duas instâncias narrativas no nível textual: o narrador externo (external narrator) e o personagem-narrador (character-bound narrator). (ALÓS, 2007, p. 75).

¹³ Os objetos focalizados, por sua vez, são os próprios elementos em questão. (ALÓS, 2007, p. 76).

¹⁴ O sujeito da focalização – o focalizador – é o ponto a partir do qual os elementos que constituem da fábula são vistos e apresentados. (ALÓS, 2007, p. 76).

A pergunta mais frequente que tenho ouvido a respeito de *Contos Transantropológicos* é a mais fatídica e falaciosa questão a ser feita sobre qualquer obra literária: são verdadeiros os contos desse livro? Na base filosófica do questionamento, insere-se o padrão pela busca da verdade acima de todas as coisas. O que é verdadeiro é válido, real, essencial e existente. Ao responder, eu digo que tal pergunta é idêntica a uma série de análises sobre a veracidade do ser mulher que eu, autora, sou. (BEAVOUIR, 2018, p. 11).

Embora seja constatável a reverberação do percurso do(a) autor(a) na elaboração de suas personagens, visto que de alguma maneira as subjetividades estão entrecruzadas, é indispensável diferenciá-los, dado que “o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras;” (BRAIT, 1985, p. 11). Em outras palavras, por mais que as vivências da(o) literata(o) e da personagem se assemelhem, há um abismo metafórico entre elas(es) assegurado pela liberdade do processo criativo literário e materializado apenas na realidade virtual discursiva a qual pertence a personagem, por isso “as personagens *representam* pessoas, segundo modalidades próprias da ficção.”(BRAIT, 1985, p. 11).

Essa proximidade com a realidade referencial é constante no conto, o que faz da literatura de Atena, também, um vetor da disseminação dos mais diversos tipos de violências sofridas pela comunidade trans.

Muitas fotos estavam no chão, junto de uma lista de nomes de garotas trans mortas nos últimos anos. Eram muitos nomes e eu sabia que a violência contra nós era enorme, mas não daquela forma. (BEAVOUIR, 2018, p. 107).

Toda essa problematização sobre a noção de subjetividade tem por finalidade respaldar a condição de exílio a ela submetida no desenrolar do conto, visto que a narradora-personagem é compelida, constantemente, a abdicar de seu “eu” em prol do reconhecimento enquanto sujeito para, então, ser acolhida pelas mesmas instituições que a desterritorializam, mantendo-a em sucessivas discontinuidades de pertencimento.

3. A desterritorialização da travesti

Podemos dizer que o conto “A voz da consciência” se divide em dois blocos: no primeiro a narradora-personagem relata sua construção enquanto mulher e as violências sofridas por isso; já no segundo o foco é

intersubjetivo e um tanto metafísico, a narradora-personagem se volta para o que há de mais profundo em seu ser. Assim, neste tópico, focalizaremos o primeiro bloco, tendo como norte as nuances estruturais da ideologia e da repressão que circundam a condição de exílio do corpo travesti.

Até que eu comecei a me vestir com roupas da minha irmã. Eu apanhava todas as vezes que era vista com roupas femininas. E eu me vestia todas as semanas. E todas as semanas era sangue que vertia do meu rosto, boca, nariz. Meu pai me dava tapas com suas mãos fortes de trabalhador da roça. Minha mãe usava uma vara feita do galho de uma árvore do quintal. (BEAVOUIR, 2018, p. 105).

No trecho acima é nítida a tentativa de inibição do desabrochar identitário da personagem, essa inibição representada, *a priori*, pela figura dos pais, decorre de uma visão essencialista, amplamente engendrada na sociedade, a qual entende a categoria de gênero como inerente à condição biológica (macho/fêmea). Nesse sentido, vemos através das lentes da literatura, o teor repressivo das investidas disciplinadoras do corpo, uma vez que ele é indiscutivelmente político e perigoso à ordem normativa estabelecida em prol do “bem estar social”.

Quando mais velha, por volta dos 15 anos de idade, lembro dos meus colegas da escola me forçarem a tocar o corpo deles no banheiro. Quando eu não queria, era forçada através de empurrões e, algumas vezes, arrastamentos. Numa dessas vezes meu pulso destroncou. (BEAVOUIR, 2018, p. 105).

Outro episódio violento é narrado, dessa vez no ambiente escolar. Aliada a família, a escola faz parte do grupo de instituições primárias e, a partir delas o indivíduo tem o primeiro contato com o coletivo e, conseqüentemente, com concepções homogeneizadoras, as quais visam moralizar o discurso e disciplinar os corpos das(os) pequenas(os) cidadãs(os). Esses espaços, em sua maioria, funcionam como Aparelhos Ideológicos do Estado, tendo em vista que é através das premissas socializadas neles que são disseminados (pré) conceitos relacionados a tudo que foge do poder disciplinador das instituições. Por isso, “Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. (ALTHUSSER, 1980, p. 43)”.

Nessa perspectiva, ao ser inserido em instituições, sejam elas públicas ou privadas, o corpo se torna processual, sendo resultado de um projeto de “civildade” o qual desumaniza, violenta e exila aqueles que transgridam as

normas de aceitabilidade, isto é, as instituições, cada uma com sua singularidade, são microcosmos de uma macroestrutura político-econômica de exploração do sujeito. No entanto, o corpo da travesti subverte este processo normalizador e se impõe enquanto ser repleto de subjetividade e coragem em meio à maquinação do ser.

Até que encontrei um rapaz mais velho que eu. Ele me convenceu a morar com ele. Era muito querido, me trazia presentes e sempre me levava para passear em locais calmos e tranquilos. Fugi de casa com 17 anos de idade, nesse tempo me considerava namorada dele. Até que certa noite, bêbado, ele permitiu que colegas do trabalho dele me forçassem a fazer sexo compulsório durante um final de semana inteiro. Mais uma vez machucada, mas dessa vez no coração, fugi de mais um lar. E fui para as ruas. (BEAVOUIR, 2018, p. 106).

Mais um momento doloroso da incursão da personagem. Já machucada, no corpo e na alma, pelas pessoas que deveriam zelar pelo seu bem estar ela se depara com o destino da grande maioria das travestis, as ruas. Embora, antes de encarar a pista, ela tenha sido aliciada por um “rapaz querido”, o que é completamente compreensivo perante sua vulnerabilidade, abandono e pouca idade.

Durante a leitura do relato do relacionamento é nítida a posição passiva da narradora-personagem “Ele me convenceu”, “me levava para passear”, “me considerava namorada dele”, “ele permitiu”, isso se dá devido à noção subalterna imposta pela matriz heterossexual ao corpo travesti, ou seja, “O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (LE BRETON, 2012, p. 26). Nesse sentido, se esse corpo não é inteligível, não corresponde à visão essencialista macho/fêmea, ele é coisificado e, portanto, deve ser resignado e passível às perversidades humanas.

Morei durante duas semanas numa praça. Dormia de dia para poder sobreviver à noite, pois se eu fechasse os olhos sob a luz do luar seria provável que não acordasse mais. Eu completei meus 18 anos. Não possuía nada, nem lar, nem família, nem estudo, nem segurança ou saúde. Eu não tinha sequer uma vida. (BEAVOUIR, 2018, p. 106).

A afirmação da narradora-personagem “Eu não tinha sequer uma vida” nos trouxe inquietação, pois ao colocar sua construção social, “vida”, como não existente percebemos que para ela, assim como para a sociedade de maneira geral, existir é ser e estar linear com o que se espera de um indivíduo. No entanto, podemos dizer que a identidade Dela foi construída a partir de um

processo transcultural¹⁵, feito e refeito diversas vezes, transmutando, inclusive, a si mesma como efeito da constante subtração de sua subjetividade em prol de direitos básicos. Ela é, antes de mais nada, a ruptura do sistemático, exílio do subjetivo, a materialização, no mundo referencial, da ideação do imaginário literário a qual o conto nos oferece.

“Então encontrei a prostituição como sobrevivência. **Nela, me construí como uma mulher de caráter.**” (BEAVOUIR, 2018, p. 106, grifo nosso). O corpo travesti é, por si só, falante e “socialmente construído” (PRECIADO, 2017, p. 26), o qual edifica “tecnologias de resistência” (PRECIADO, 2017, p. 49). Nesse sentido, a narradora coloca, a partir de sua vivência, a fluidez da identidade de gênero, a qual questiona a linearidade entre sexo anatômico e gênero¹⁶. Assim, ao seguir a ótica da narradora e ver o sujeito como não estável, a única alternativa restante ao leitor(a) é questionar-se acerca da construção do gênero, tendo em vista que este é fabricado na linguagem e pela linguagem, sendo produzido pelos discursos.

Para as teóricas e os teóricos do feminismo da diferença, gênero remete a traços culturais fundamentados em um binarismo de base biológica. De um lado, traços femininos e, em oposição, traços masculinos: percepção de diferenças que se torna um elemento central de análise e que subsidia instrumentos para a ação (HITA, 1998). (JESUS, 2013, p. 3).

Em paridade com o que encontramos na leitura do conto, Jaqueline Gomes de Jesus (2013) teoriza acerca da recente perspectiva transfeminista, a qual tece a diferença como fator fundamental para o desenvolvimento de um feminismo plural e inclusivo, mas que não tenha a pretensão de abarcar, como unívoca, a teoria feminista, ao contrário, se faz necessário, segundo ela, uma relação dialógica entre os vários conceitos dos feminismos. Dessa maneira, a

¹⁵ Mediante o uso do termo é possível problematizar o papel da diferença e das contradições na construção da identidade, já que qualquer processo transcultural reconhece que a identidade é construída por meio de uma negociação de diferenças e que a presença de fissuras, lacunas e contradições é uma parte necessária deste processo. A transculturação, afirmo, deve ser compreendida como modo polivalente que abrange um diálogo incômodo entre síntese e a simbiose, a continuidade e a ruptura, a coerência e a fragmentação, a utopia e a distopia, o consenso e o dissenso, a desconstrução e a reconstrução. (WALTER, 2015, p. 621)

¹⁶ [...] o conceito de gênero é relacional e político, independe das bases biológicas, como o sexo, e determina, entre os seres humanos, papéis que eles exercem na sociedade – o que de forma alguma se restringe à sexualidade. (JESUS, 2013, p. 2).

teórica nos propõe que reflitamos sobre a compreensão restritiva do feminino x masculino, sobretudo, que possamos ter a competência de compreender que são possíveis performatividades as quais permeiem entre esses pares opostos.

Acabei sendo bem vista pelas outras garotas, porque eu era uma das meninas com o corpo mais forte, o que proporcionava uma sensação de segurança onde trabalhávamos. Até que a polícia começou a rondar a área e mais uma vez o contexto foi o grande responsável. Fui levada para a delegacia, pois um cliente havia dado parte de uma travesti que o roubou na rua. Logo eu, que era conhecida na região, fui pega. Com 20 anos tive meu nome marcado como ladra, o que eu sabia ser uma inverdade. (BEAVOUIR, 2018, p. 106).

Ela não teve o privilégio da defesa, Ela, sequer, teve o privilégio da fala. A negação do discurso, em sua essência, tem por finalidade a desumanização do sujeito, uma vez que as relações interpessoais são estabelecidas pela dialética. Por isso a polícia, enquanto mecanismo repressivo do Estado, ramifica a função de coibir, preferível desumanizar, indivíduos como Ela, subalternos, fazendo deles exilados em sua própria terra.

De fato, a polícia tem necessidade de construir a verdade do outro para poder manipular o eu do seu paciente. A sua força consiste em opor o outro ao eu, até que este seja absorvido por aquele e, deste modo, esteja pronto para o que se espera dele: colaboração, submissão, omissão, silêncio. A polícia esculpe o outro por meio do interrogatório, o vasculhamento do passado, a exposição da fraqueza, a violência física e moral. No fim, se for preciso, poderá inclusive empregar a seu serviço este outro, que é um novo eu, manipulado pela dosagem de um ingrediente da mais alta eficácia: o medo, em todos os seus graus e modalidades. (CANDIDO, 1991, p. 28)

“Fui pega”, logo ela, que mesmo sendo conhecida na região como mulher forte e de caráter, foi pega. Além da liberdade, retiraram de nossa heroína mais um lugar de pertencimento, aquelas meninas que se sentiam seguras por ter o corpo forte Dela presente perderam uma companheira. Ela perdeu a si, novamente, desterritorializada do seu eu a narradora se refaz, agora para sobreviver aos melindres do cárcere.

Ao ser levada para o presídio, me vi presa em uma realidade que me fazia muito mal. Eram muitos homens e muitas dores. Eram criminosos, sim, mas eram pais de família, irmão e filhos. Eram seres humanos perdidos em si mesmos. Eu não entendia como e nem porque, mas estava ali sendo procurada por muitos, além do sexo, para conversas. (BEAVOUIR, 2018, p. 106).

Apesar de se configurar mais um ato de violência física e gratuita, o que gostaríamos de destacar aqui é a sensibilidade da personagem em meio ao “vazio” da repressão. Isso porque no contexto no qual são retratados, Ela e

seus companheiros não são entendidos como sujeitos da linguagem, são, na realidade, corpos a serem explorados das mais diversas formas, sendo lhes negados direitos básicos, como a dignidade e a vida, mas também direitos facilmente refutáveis, como a fala e a subjetividade.

Mas o contexto não esperou e mais uma vez fui levada ao extremo de ter que carregar drogas inseridas no ânus para outras galerias, onde era transportada de cela a cela. Não devia acontecer esse transporte. Mas existia um acordo para que eu assim fosse levada de uma parte a outra do presídio, por segurança. Entretanto, não era essa a intenção. Eu era levada para satisfazer os impulsos de algumas dezenas de desejos e vontades alheias. Menos a minha própria vontade. Refém de um contexto que me machucava. (BEAVOUIR, 2018, p. 106).

A expressão “contexto” aparece quatro vezes nesse primeiro bloco do conto, não por ausência de repertório vocabular, mas sim como elemento fundamental para a construção da narrativa. No trecho “o contexto não esperou”, a narradora nos faz a seguinte provocação: se o contexto não espera, ele também é sujeito? Não nos resta dúvidas de que essa pessoalização é sutil, pois durante a narrativa é ao contexto que a personagem atribui a modulação do seu ser, o que pode, de alguma maneira, parecer destino; nada tem a ver; a narradora nos conta sobre condição de existência, e resistência, e o que resta-lhe da ruptura de *contextos*, dos exílios do corpo e da alma da personagem, tendo em vista a incessante busca de si e a negação da morte em vida.

Ainda sobre o trecho que a narradora relata o transporte clandestino de seu corpo, é nítida a suspensão de sua subjetividade, ou vontade, em prol da sobrevivência em um dos vários ambientes hostis nos quais foi colocada. O cárcere, em sua essência, é cruel, visto que seu principal objetivo é a pacificação e a obediência absoluta dos corpos que transgridem as “regras”, sobretudo ao corpo da travesti, pois nele é evidente a subversão da ordem. Existe, a todo momento, a intenção de esvaziar o que houver de mais íntimo na travesti, não interessa ao sistema a humanização daquele corpo, ele precisa ser banido. Porém, Ela enfrenta todos os “contextos”, com a coragem de uma travesti, pois sabe que sua existência, física e/ou anamnésica, é ruptura. Essa noção tudo tem a ver com o que Said discute acerca do exílio e da perspectiva do(a) exilado(a)

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, 2003, p. 57)

Com isso, entendemos que o corpo travesti é essencialmente desterritorializado perante uma sociedade que tolhe toda e qualquer subjetivação dele, visto que “pertencer a um lugar é determinado menos pelo que se possui em termos de propriedade do que pela relação entre memória fragmentada e seletiva e a experiência vivida.” (WALTER, 2015, p. 626).

4. O refúgio da memória

Como dito anteriormente este tópico abarcará o que denominamos de segundo bloco do conto “A voz da consciência”. Nesse momento do texto nos parece claro que a narradora se volta para si de maneira efetiva, as instituições e a violência continuam lá, no entanto não atuam mais tão ativamente na narração, o foco, agora, é a percepção da morte e da consciência do pós-morte.

Durante a leitura do conto percebemos a abundante utilização do tempo verbal no passado, através dessa marca linguística entendemos que o texto é um relato de lembranças, memórias que notadamente afligem a narradora. Após essa observação nos interrogamos sobre o objetivo desse relato: por qual motivo a narradora reuniria um arcabouço de lembranças dolorosas? Por que não trazer como enredo os “grandes” feitos da personagem, como de costume entre os textos narrativos?

Podemos dizer que há, explicitamente, a necessidade de contar a história de si por parte da personagem, são episódios de dor, mas também de construção humana, de sua humanidade. Essa necessidade de contar ilustra o apelo das travestis, elas, na figura Dela, utilizam o fazer literário para sair do campo mitológico da existência, pois, através das palavras, a consciência humana é eternizada, e para a narradora basta da “sensação de sufoco. De existir na inexistência.” (BEAVOUIR, 2018, p. 108). O lugar do mitológico é compulsório à travesti, visto que ela subverte a engendradora correspondência

entre as genitálias e o papel social do gênero e, por isso, sua presença fixa no patamar da “inverdade”.

O termo “travesti” é antigo, muito, anterior ao conceito de “transexual” e, por isso, muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo, como sinônimo de “imitação”, “engano” ou de “fingir ser o que não se é”. (JESUS, 2015, p. 57).

Tal “normalidade de gênero” foi amplamente disseminada pelo discurso científico na modernidade, o qual prezou por valores etnocidas, bem como respaldou a exploração de grupos dissidentes justificada em “fatos comprovados” pela razão, tomando, a partir de um local de poder, o *status* de verdade absoluta. Assim, “Sob a aparência da exatidão científica (que é preciso examinar com circunspeção), delineia-se uma história, uma narração que obedece a interesses precisos.” (GAGNEBIN, 2006, p. 40). No que cerca a projeção social da travesti esses interesses narratológicos estão intimamente ligados à marginalização e ao esquecimento.

Ademais, é basilar que compreendamos a perspectiva da narradora quando ela coloca a presença como fator fundamental de lembrança, já que no início do segundo bloco são descritas movimentações em prol da memória de pessoas trans assassinadas.

Percebi uma movimentação estranha em uma grande esquina. Ao me aproximar, identifiquei várias mulheres como eu, trans e travestis, alguns rapazes gays e meninas lésbicas. Muitas pessoas, mas o clima não era de festa. Estavam reunidas para prestar homenagem a pessoas trans mortas, e eu fiquei feliz que pudessem realizar um ato daquela maneira. (BEAVOUIR, 2018, p. 107).

A lembrança e o esquecimento são, obviamente, pares opostos, os quais se completam no mosaico da memória individual e coletiva. A presença física dos manifestantes e a presença anamnésica das pessoas trans assassinadas são vitais para o resgate da memória de um grupo, cuja violência constante e multifacetada torna-se elo de experiências compartilhadas nos fragmentos da memória de cada indivíduo LGBT. Essa presença é frequentemente evocada pela narradora no segundo bloco do conto “Todos gritavam ‘presente!’, ao ouvirem, nome por nome, na grande esquina”. (BEAVOUIR, 2018, p. 108), sendo, também, uma maneira de ressignificação do luto, em outras palavras, a presença é, antes de mais nada, acalanto do não esquecimento aos vivos.

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem — o conceito — de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. (GAGNEBIN, 2006, p. 44).

É fatídico, a morte se faz enquanto condição da vida, até mesmo para heroínas como Ela, que mesmo em uma excursão de provações epopeicas não se exime da premissa da mortalidade.

E então eu escutei o meu próprio nome ser lido. Fiquei perplexa. Sem reação. Seria possível? Até que me dei por conta que um dia antes eu estava no hospital. Não me perguntei como cheguei até ali. Como poderia estar morta, se eu ainda existia? (BEAVOUIR, 2018, p. 108).

O encontro com a morte é tema de inúmeras narrativas desde os tempos antigos, uma vez que a experiência do pós-morte é a pandora da humanidade e por isso a necessidade de sua ficcionalização no universo mimético. Como ato mecânico de preservação humana Ela nega a morte; nitidamente a personagem é atravessada pelo medo do desconhecido do posteriori do corpo físico, de uma possível finitude vigorosamente rejeitada pelo ser humano. Contudo, é na dicotomia da vida x morte que se escancara a realidade da existência para a narradora.

Olhei para os lados e ninguém me via. Comecei a chorar. Chorei muito. As pessoas não estavam mais lá. Chorei tanto que as lágrimas se converteram em chuva. Mas a chuva não me atingia. Eu chorava e minhas lágrimas não me tocavam. Mas a chuva do céu não me molhava. Eu estava molhada por mim mesma. (BEAVOUIR, 2018, p. 108).

A literatura, aqui a literatura de Atena, ilustra a função de ressignificar o luto, a não existência do corpo físico é metaforizada na narração, possibilitando ao leitor(a) a catarse da dor junto à personagem. Desse modo, Ela nos apresenta o lado épico da vivência, no caso, da experiência do pós-morte, possível, apenas, através do simbólico do texto como forma de manutenção da vida, de sua vida. A narração se faz memória individual para a personagem, cicatriz ao leitor(a) e resgate da imortalização de uma vida de representações para as travestis, pois “o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente.” (GAGNEBIN, 2006, p. 44).

Ali continuei. Na tal esquina democrática, minha consciência repousava. Até hoje ali estou. Morta e atirada, no meio da esquina,

chorando as lágrimas de uma existência inexistida. (BEAVOUIR, 2018, p. 108).

Nesta passagem é clara a denegação da existência da personagem, pois, ao que parece, para Ela restou o abandono, a falta de lembrança dos que ficam no mundo dos vivos e a profundidade do esquecimento. Assim, mesmo sendo digna de canções poéticas heroicas, Ela tornou-se “aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste [...]” (GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Quando você passar por ali, por favor, pare e lembre de mim. Eu certamente vou perceber que você está ali e vou parar de chorar e talvez sorrir. Não de esperança, pois ela só existe enquanto há vida. E eu estou morta. (BEAVOUIR, 2018, p. 108).

Nos momentos finais do texto é nítida a tentativa do diálogo direto com o(a) leitor(a) por parte da narradora. Pode-se dizer que ela se utiliza desse traço narrativo para uma aproximação e, muito possivelmente, um aprofundamento do sentir da personagem, uma vez que nesse segundo bloco do conto o(a) leitor(a) descortina junto à Ela seu destino.

Morta na existência, mas viva na memória. Eu não quero sofrer mais esta violência: a de não ser lembrada. Por favor, ouça a voz da minha consciência, pois eu lembro de todas as violências que sofri. Ao passar por ali, pense: a travesti está aqui. (BEAVOUIR, 2018, p. 109).

No último trecho do conto a narradora subverte a antiga representação da morte, vista comumente através da ótica do macabro e da putrefação, a qual é ressignificada pela fé na memória. Apesar de ela própria afirmar sua falta de esperança na morte, nos cabe aqui apontar ao leitor(a) a vivacidade da ligação íntima estabelecida pela narradora com sua comunidade leitora a partir do pensamento, pois ela sabe que “Como a esteira funerária, erguida em memória do morto, o canto poético luta igualmente para manter viva a memória dos heróis.” (GAGNEBIN, 2006, p. 45). Logo, concluímos que Ela atinge o objetivo da vida, ficcional ou não, ao propor a nós, leitores(as) e concomitantemente entes, a imersão ao universo de sua existência, o qual mimetiza tantos outros universos silenciados e subjugados, na vida, na morte e na literatura.

5. Considerações

Portanto, podemos dizer que o conto “A voz da consciência” é um fragmento da ideia unitária do livro *Contos Transantropológicos*, o qual tem como cerne a perspectiva da construção literária de uma “nova” comunidade através de relatos literários, pois é a partir do imaginário resvalado no mundo referencial que se dá a noção de identidade de uma determinada comunidade. Logo, a escrita de Atena busca a não universalidade e generalização de arquétipos, uma vez que a autora centraliza sua narrativa na noção de diversidade de subjetivações dos sujeitos representados por ela.

Em síntese, constatamos, ao esmiuçar os elementos narrativos, o processo transitório da personagem. Este processo acontece, majoritariamente, através de coações, porém é por meio dele que a personagem se faz, e conseqüentemente se refaz. Sendo assim, esse movimento constitutivo se dá pela imposição do exílio da subjetividade do corpo travesti, o qual estabelece uma relação “[...] entre a raiz da origem fragmentada e a raiz da chegada desejada – e muitas vezes diferida – surge a rota enquanto estado contínuo.” (WALTER, 2015, p. 614).

Assim, o livro *Contos Transantropológicos* e conseqüentemente o conto “A voz da consciência”, ilustram a noção de pós-modernidade, pois entendemos que o pós-moderno imprime a diluição, a permeabilidade e, principalmente, a contradição, isto é, “[...] aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político.” (HUTCHEON, 1991, p. 20). Apesar da fluidez de opiniões com relação ao pós-modernismo enquanto conceito, ressaltamos que para nós ele surge não como um sinônimo de contemporâneo, mas sim como movimento de inquietação que se ramifica por entre inúmeras esferas, visualizada “[...] como uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamento atuais [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 20).

Por fim, pontuo que não pretendo trazer conclusões de maneira a determinar o ponto de vista discutido como absoluto e unívoco, mas sim

possibilitam uma amplitude de visões acerca de literaturas, por muito, entendidas como dissidentes e fora do nicho canônico.

6. Referências

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo: uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly**. Anselmo Peres Alós – Porto Alegre, 2007. 229 fls. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BEAUVOIR, Atena. **Contos Transantropológicos**. Porto Alegre: Taverna, 2018.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**; tradução de Ma76-1049 Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BRAIT, Beth. **A personagem**. — São Paulo Ática, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

_____. A verdade da repressão. **Revista USP**, (9), 27-30, 1991.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HUTCHEON, Linda. 1947- **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cmz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismo e Identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 - DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS, 2013,

Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

_____. **Homofobia: identificar e prevenir** / Jaqueline Gomes de Jesus; editora Lea Carvalho – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros.** 2º edição. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**; tradução de Sonia Fuhrmann. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediência do gênero.** Salvador/BA: Editora Devires, 2017.

PRECIADO, Paul B. . **Manifesto contrassexual**; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____ **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

WALTER, Roland. Multitransintercultural: literatura, teoria pós-colonial e ecocrítica. In: SEDYCIAS, João (Org). **Repensando a teoria literária.** Recife: Editora UFPE, 2015.